

Freqüentadores reprovam fechamento

Marcelo Abreu

Da equipe do Correio

Com irritação. Foi assim que a população de Brasília — especialmente os freqüentadores assíduos do Parque da Cidade — reagiu quando soube que o lugar pode ser fechado. A idéia de ver o maior área verde pública interdita para reformas tirou a pessoas do sério. Já começou a causar-lhes transtornos. Se realmente o projeto do governo de reformar o parque for para frente — isso significa interdita-lo completamente — a rotina de muita gente será alterada. E para pior.

O publicitário Fábio Gomes, de 43 anos, mantém uma rotina sagrada. Todos os dias — invariavelmente todos os dias, debaixo de chuva e sol, frio, calor de rachar — ele faz *cooper*.

No fim da manhã de ontem, mais uma vez ele corria. Só não sabe até quando desfrutará daquele espaço. “Fechar o parque? Isso será uma m...”, irrita-se.

Menos irritada, mas igualmente chateada, a corretora de imóveis Tátia Lara, de 38 anos, já começa ver os transtornos que lhe esperam. “Tenho

três filhos no Colégio Santo Antônio. Moro na Octogonal e passo por aqui para deixá-los na escola. Como farei agora? Vou ter que enfrentar os engarrafamentos da W3 Sul? Aquilo vai ficar um caos.”

Apesar de ser a favor da reforma, ela condena a interdição total. “Pode perfeitamente ser feita aos poucos, sem privar a população de usá-lo.” Além de deixar e buscar os filhos no colégio, Tátia aproveita para andar pelo parque. “É sagrado. Tô aqui todos os dias”, diz.

A corretora de imóveis vai além de suas próprias preocupações. “É o único lugar onde todo mundo, de todas as classes sociais, pode vir, passear e se divertir. Como essas pessoas irão aproveitar os momentos de lazer?”

Adeus passeio de bicicleta. O estudante Diogo Pohl, de 15 anos, está desolado. Morador do Sudoeste, ele aproveita o atalho do parque para ir à casa de amigos na Asa Sul e ao Sigma, escola onde estuda. Não gasta mais que 20 minutos. Poderá ficar algum tempo sem fazer isso. “Vou dar uma volta sem tamanho e correr perigo no trânsito. Com o parque fe-

chado, terei duas opções: o Eixo Monumental ou Setor Policial. Já viu cara, que loucura...”

PRAIA DE BRASÍLIA

Na tarde de ontem, um grupo da cidade estava particularmente revoltado. Os integrantes da Associação dos Corredores de Rua do Distrito Federal (Cordf) não entendem — nem aceitam — a idéia do governo em fechar totalmente o Parque da Cidade para reforma.

“Só pode ser um absurdo. Não tem outra justificativa. Fechar o parque para construir centro gastronômico com dois restaurantes finos... Isso é piada. Aqui se precisa é de segurança e limpeza, mais nada”, protesta o presidente da Cordf, Adelton de Medeiros, de 49 anos.

Medeiros corre todos os dias os 10 quilômetros do parque. “Se fechar pode ser o caos para muita gente. É uma questão de saúde também”, avalia. E constata a ligação com o parque: “Venho aqui todo santo dia. Sei onde o passarinho canta, onde está a pombinha com a asa quebrada...”

Atleta de todos os dias e um dos

integrantes da Cordf, o músico Jair José Santana, de 35 anos, correu ontem pela manhã seus 21 quilômetros (duas voltas pelo parque). “Só não venho aqui se não tô em Brasília. É um vício”, conta.

Depois da corrida, Santana toma a tradicional ducha e ali mesmo troca de roupa. Está pronto para ir ao trabalho. “O parque é a praia do brasileiro. Como é que podemos ser impedidos de entrar aqui?” Para ela, as reformas são até bem-vindas. “Mas desde que sejam feitas por etapas, sem prejudicar o direito de ir e vir das pessoas”, insiste.

Ele não corre, não faz exercícios físicos nenhum, mas adora o parque. E o defende com unhas e dentes. O morador de rua José Airton Gonçalves, de 33 anos, levou um susto quando soube que “sua casa” iria fechar.

“Vai fechar mesmo? Nossa, pra onde eu vou?”, pergunta, assustado, o rapaz que há um mês chegou a Brasília e encontrou ali um abrigo. “Tomo banho, uso os banheiros e troco de roupa. Tô dando um tempo aqui só enquanto não acho uma residência fixa”, diz ele, relaxadamente deitado no gramado.